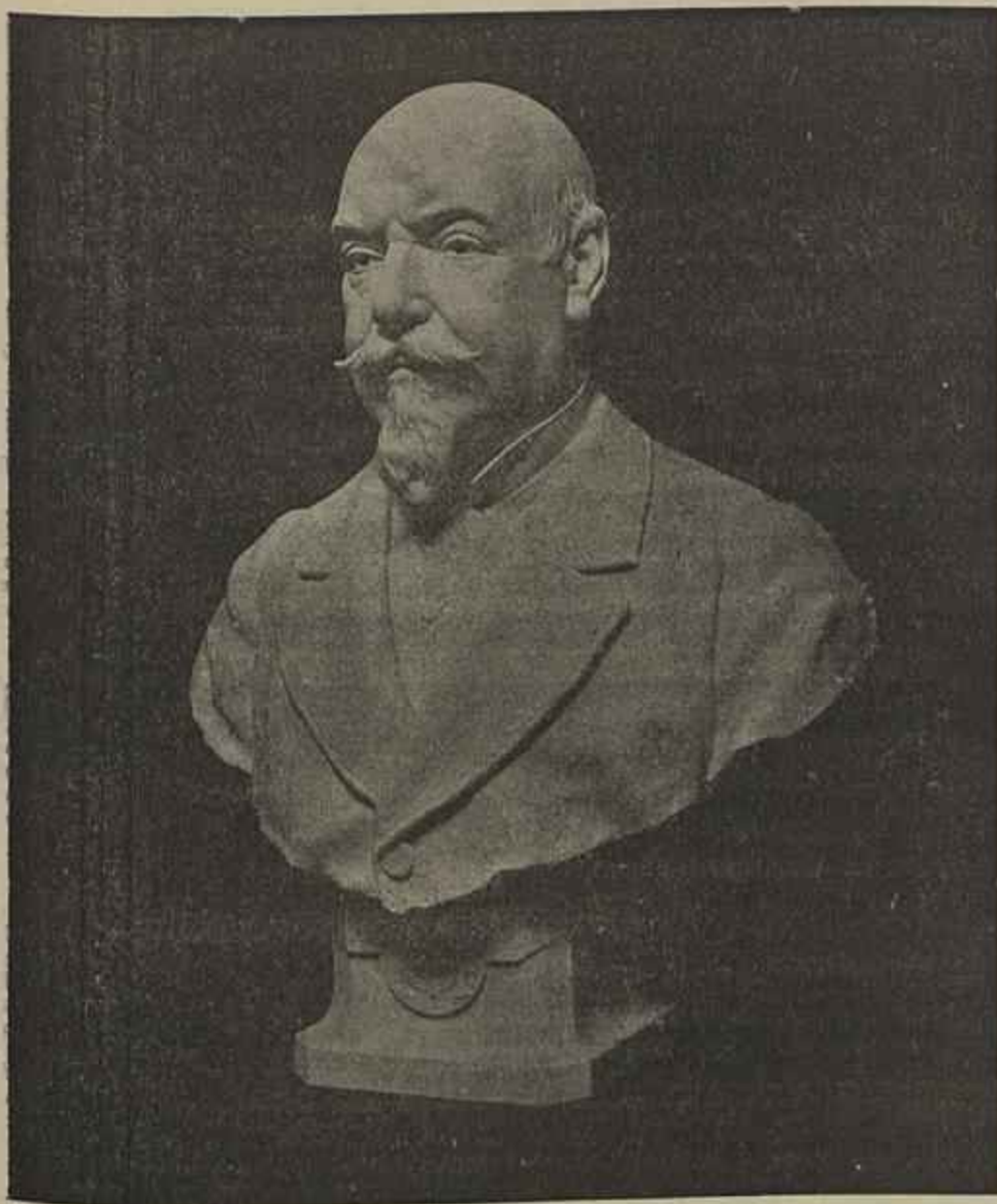


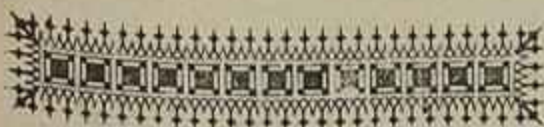
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 908	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 28
	30 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	38900	18900	6960	8120	29 DE FEVEREIRO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



MANUEL DE SOUSA CARQUEJA
FUNDADOR DO «COMMERCIO DO PORTO»
(Esculptura do sr. A. Alves Pinto)



CHRONICA OCCIDENTAL

Quando o Urbano, sargento aspirante de infantaria 16, andava na Escola Polytechnica, já a veia satyrica, que havia de tornal-o celebre quando ao serviço da politica, muita vez se mani-

festava em poemas heroe-comicos, á custa de alguns collegas e da maior parte dos professores.

O sr. Conde de Macedo, que chegava sempre tarde á aula de mathematica de que era lente e tinha fama de dorminhoco, foi uma das primeiras victimas dos epigrammas em que Urbano era fecundo.

O scenario era o Valle de Josephat no dia do juizo final. Já haviam tocado as trombetas e o valle estava cheio. Deus perguntava se faltava alguem e S. Pedro respondia-lhe:

... a medo
Falta o senhor Henrique de Macedo

Grande espanto! Pois não lhe haviam bastado tantos seculos em que á vontade o tinha deixado dormir?

Tocaram ainda outra vez as trombetas, que tudo estremecia.

E as oitavas acabavam com os dois versos seguintes:

*N'isto surge o Macedo estremunhado
Pedindo p'ra dormir mais um bocado.*

Todos nós somos um bocadinho assim e só nos lembramos de Santa Barbara quando ha trovões. Nada nos é mais agradável do que o ripanso. Somos como os gatos ao sol, como os lazaroni em Napoles e os cossanas no Algarve. E' talvez culpa d'esta feliz temperatura da zona temperadissima em que vivemos.

De vez em quando, acordamos, abrimos meio olho e, logo que o incommodo promette passar, é só virar para o outro lado onde o amigo João Pestana nos seduz com seu melhor sorriso.

E' sempre caso para um oh! — oh! de espanto um bocado de calor n'uma discussão, uma rajada de oratoria mais vehemente.

Essa noite fala toda a gente com mais ou menos energia do incidente na camara, todos fecham os punhos dispostos a ir partir carteiras tambem ou trazer a revolução para a rua.

Mas o fogo de vistas nunca passa das primeiras bombas a annuncial-o e umas branduras da noite molham sempre a polvora da peça final.

N'uma d'estas tardes, n'uma ou em duas, houve grande barulho entre os srs. deputados, alguns dos quaes arrancaram reguas ás carteiras e se puzeram com ellas a descarregar pancadas. . . sobre a mobilia. Algumas innocentes cadeiras ficaram desconjuntadas. Houve gritos e apitos. O sr. presidente, não podendo manter a ordem, poz o chapéu na cabeça.

Affirma-se que, após a sessão mais tumultuosa, alguns dos deputados da minoria progressista haviam tido uma demorada conferencia com o sr. José Luciano de Castro, talvez a proposito do boato insistente sobre o adiamento das camaras, se se desse o caso da repetição dos tumultos. Parece que foram chamados pelo telegrapho todos os deputados progressistas que se achiam ausentes.

Estas noticias a quasi todos interessam, pois, mais ou menos, se ligam com todos os boatos de crise e novos ministerios que a cada hora são disparados com a velocidade d'uma bala de artilharia para uma hora depois darem logar a nova versão contradictoria.

O sr. Hintze não pode suster-se por mais tempo e retira-se.

O sr. Hintze pede uma nova recomposição.

O sr. Hintze está firme como uma rocha em meio de qualquer temporal.

O sr. Hintze não sae enquanto o sr. José Luciano não estiver melhor.

O sr. José Luciano accéita o encargo de formar ministerio, nomeado presidente sem pasta.

O sr. José Luciano deixa essa honra ao sr. Mathias de Carvalho.

O sr. José Luciano deixa essa honra ao sr. Beirão.

O sr. Beirão não organisa gabinete em que entrem os membros da ultima situação progressista.

Quem é chamado é o sr. Sebastião Telles.

Quem está firme é o sr. Hintze que fará as novas eleições.

Todas estas versões por tal forma absorveram os espiritos dos politicos que pouco entre nós se

falou da mobilização do exercito hespanhol e da chegada a Tuy d'um contingente.

Como por cá todos andamos confusos, fiámonos em que tudo havia de ser maior confusão dos hespanhoes.

O primeiro ministro Arthur Balfour declarou na camara ingleza dos commons que effectivamente o governo hespanhol andava reforçando algumas guarnições, mas que—o que folgava de consignar—as relações da Inglaterra com a Hespanha continuavam amigaveis como sempre. A declaração foi acolhida com prolongados applausos, pelo menos tantos como os que em Lisboa obtiveram os tunos hespanhoes da universidade de Compostella, que por ali andaram tocando, cantando e representando com a maior alegria.

Do Porto foram a Coimbra, de Coimbra vieram a Lisboa e por toda a parte portuguezes e hespanhoes—ou não fossem rapazes—fraternisaram como grandes amigos.

Assim acontecerá ás nações; mas andam muito amarellos os sorrisos das chancelarias.

No que parecem, ou se fingem creanças e não deitar as culpas uns para os outros. Ha pancada. A Russia diz que toda a culpa é do Japão, o Japão diz que é da Russia, a França diz que é da Inglaterra e por fim a Inglaterra sae-se agora a dizer que é da Allemanha que a intrigou com a França.

Entretanto russos e japonezes vão morrendo como tordos, e d'aquí a pouco a culpa não foi de ninguem.

As noticias que chegam da guerra e as previsões que se fazem continuam a ser muito contradictorias e quasi sempre exageradas, conforme convem ás diplomacias fazel-as constar e aos jogadores de bolsa. Os japonezes ora obtiveram uma espantosa victoria, ora foram repellidos com perdas notaveis; os russos ora nos são apresentados como os melhores soldados do mundo, ora como incapazes de resistir ao impulso dos aguerridos amarellos que tanto se importam de morrer como de matar uma galinha.

Como os tempos mudam!... Como esse Japão mudou! Como vai longe o tempo em que um japonex cortava o ventre do inimigo e depois, com o maior sangue frio fazia outro tanto a si mesmo! Applaudiam-lhes um bocadinho certas artes meia duzia de europeus que os conheciam; enchiam-se os circos quando elles appareciam como primeiros gymnastas do mundo; que mais se sabia do Japão? Ficava lá tão longe!...

Mas não foi só para elles que os tempos assim mudaram. Sem sahirnos da Europa aqui temos tambem com que nos possamos maravilhar. Quem, ha quarenta annos, diria que a França assim havia de tomar as dores pela Russia, sua poderosa alliada? Era passar agora os olhos sobre os jornaes illustrados de então, e uma vista de olhos bastaria. A Polonia andava então cantada em todos os tons; tudo era estampas de russos fusilando polacos indefesos! tudo era Russia tyranna, desgraçada Polonia!

Um telegramma annuncia que muitos officiaes das guarnições de Varsovia negam-se a partir para a Mandchuria.

Será a velha, já da Europa tão esquecida questão, que resurge agora? Levantarão outra vez cabeça os polacos, vendo os russos atrapalhados na fronteira opposta?

Os pessimistas prophetisam coisas muito negras e o espectro da conflagração geral mostra-se outra vez a surgir pavoroso.

Lembram-se d'uma estampa desenhada por este Imperador Guilherme e intitulada *O perigo amarello*? Contra elle, representado por um homenzinho de olhos obliquos e maçãs da face salientes, todas as nações da Europa se juntavam. Ainda parecia longe o perigo amarello. Pois já bateu á porta da Russia.

As nações da Europa não deram as mãos umas ás outras e—cada qual pensando em si—anda como melhor lhe parece. Até do proprio desenhista com coroa de imperador se não sabe agora ao certo o pensamento, nem o que pensam seus vassallos.

Talvez ainda venha a acontecer o que na guerra dos inglezes contra os boers, em que os grandes normandos da primeira pagina foram diminuindo, diminuindo até á letrinha pequenina de ao pé dos annuncios.

Ninguem gosta de coisas tristes e tomara eu já o theatro de Maeterlinck em Lisboa para falar de melhor coisa aos meus leitores.

João da Camara.



O busto em marmore de Manuel de Sousa Carqueja

Ha duas maneiras de avaliar um retrato, seja elle desenhado, pintado ou esculpido — uma, pela semelhança mais ou menos perfeita com o original; outra, pelo modo mais ou menos artistico como está executado.

Da questão de semelhança curam principalmente o retratado, a familia e os conhecidos, que não dispensam uns e outros, com certa razão, esse predicado importante, preocupando-se pouco, em regra, com a arte, de que geralmente nada ou quasi nada percebem. D'esta, da arte, occupam-se exclusivamente os artistas, os criticos e os entendidos, collocando a semelhança em logar secundario.

Li algures, não ha muito tempo, que Miguel Angelo sendo accusado de haver feito menos parecido o busto de um romano celebre, respondera:

—D'aquí a cem annos elle se parecerá.

A uma pessoa que, sorrindo desdenhosamente, comparava um retrato pouco semelhante a um relógio que não regula, lembrava outra, com uma tal ou qual auctoridade, os relógios artisticos expostos nos museus de antiguidades, parados para todo o sempre, valendo muitissimo mais do que os melhores chronometros da relojoaria moderna.

O retrato mal desenhado, mal pintado, mal modelado, embora de uma semelhança por todos reconhecida, no fim dos taes cem annos designados por Miguel Angelo para o seu busto se parecer, não passa de uma cousa sem merecimento, de um papel, uma tóla um pedaço de pedra ou de bronze destituido de qualquer valor estimativo. Pelo contrario, o retrato que sae das mãos de um artista exímio, trabalhado com arte, cheio de expressão e de vida, embora se não pareça, é sempre um desenho, uma pintura, uma escultura que pôde figurar n'uma galeria e valer, portanto, sommas consideraveis.

Mas, o que satisfaz a todos os paladares, a todas as exigencias, o que deve ser, e é realmente, o *desideratum* tanto dos interessados como dos artistas e da critica, é o retrato que contém ambas as cousas — a parecença absoluta e um merito artistico indiscutivel.

Ora, o busto do fallecido jornalista Manuel de Sousa Carqueja, modelado e cinzelado pelo sr. Alves Pinto, discipulo do grande e nunca olvidado escultor Soares dos Reis, pôde inscrever-se no rol dos taes retratos que satisfazem a todos os paladares, a todas as exigencias, e tanto merecem o agrado dos que os encommendam como o louvor e o applauso dos artistas e da critica.

Não me suggere esta opinião a photographia, aliás fielmente reproduzida nas paginas do *Ocidente*, porque ella, decerto pela má escolha da posição do busto, não é, a meu vêr, das mais felizes; porém, sim o proprio busto que, em tempos vi ainda modelado no barro, e se me affigurou um trabalho de arte honroso para o artista que o assignava e para a memoria do mestre de quem este recebera as mais proveitosas lições.

E tão bom conceito fiquei eu fazendo do sr. Alves Pinto quando me foi dado contemplar esta sua obra, que, ao saber depois que elle tivera de ceder ao notabilissimo estatuario Teixeira Lopes a regencia da cadeira de escultura da Academia de Bellas-Artes do Porto, regencia que exercia por interinidade, sinceramente lamentei não se poder tornar legal o ser a mesma cadeira regida por dois professores.

Quanto a semelhança, o busto de Manuel de Sousa Carqueja é d'aquelles de que podem dizer na phrase vulgar mas justa, os que conheceram o retratado:

—So lhe falta falar.

Eu julgo-me no direito de assim o afirmar, porque tratei bastante de perto, por alguns annos, com o bom e honrado homem que, juntamente com o dr. Henrique de Miranda, tambem já fallecido, creou o *Commercio do Porto* e o elevou ao nivel superior em que ainda hoje se encontra na imprensa do paiz.

Depois da morte de Manuel de Sousa Carqueja, a sua obra jornalística foi intelligentemente continuada pelo sr. Francisco de Sousa Carqueja, seu irmão, e hoje pesa principalmente sobre os hombros robustos de seu sobrinho Bento Carqueja, que possui faculdades de sobra para a supportar e cada vez mais ennobrecer os nomes dos dois benemeritos que ainda figuram no alto da primeira pagina do *Commercio do Porto*.

E no gabinete de Bento Carqueja, proximo da sala da redacção, gabinete adornado por varios objectos de arte e pelos originaes de muitas das pinturas a oleo e aguarella reproduzidas no *Com-*

mercio do Porto Illustrado, que se encontra actualmente o busto em marmore de Manuel de Sousa Carqueja, de que o *Ocidente* dá aos seus leitores uma leve idéa.

Essa memoria quasi viva do trabalhador emérito, cujo nome viverá sempre nos fastos da imprensa moderna portugueza, é d'ora em diante mais um incentivo á lida afanosa dos seus continuadores para tornarem perduravel a folha por elle creada, que vai em breve celebrar o seu jubileu pois completa no dia 2 do proximo mez de junho cincoenta annos de existencia.

Rangel de Lima.

AMORES...

(De um livro no prelo)

Oh sonhos gostosos...
Meus gratos amores!
Meus sonhos saudosos...
Já pallidas flores!...

Embora murchadas...
Em triste pendor!
Eu trago-as guardadas...
Tenho-lhes amor!...

A vida que importa
Não pungindo a dor...
Quando a alma é morta
P'ras magoas do amor?...

Illusões bondosas,
Meus idos amores...
Guardo vos saudosas,
Oh pallidas flores!...

M. Mendonça d'Oliveira.

Melhoramentos do porto da Beira e sua defeza

Convencido de que a maior parte da população portugueza desconhece a importancia d'este porto e as obras que ultimamente a Companhia de Moçambique vem de concluir para o seu engrandecimento, resolvi preencher esta lacuna, fazendo uma ligeira descripção do que aqui se tem feito e se projecta fazer para esse fim.

Como portuguez e habitante d'estas paragens, não deve extranhar-se que me interesse por tudo que diga respeito ao nosso dominio colonial, que eu desejaria ver levado ao seu maximo desenvolvimento, para o bem do nosso querido paiz e compatriotas, pois, sendo assim, todos encontrariam aqui onde empregar a sua actividade e angariar os meios de subsistencia.

Situação da Beira

Como resumo topographico, direi, que a Beira está situada na margem esquerda do Pungué, a 2,5 kilometros proximamente a montante d'uma lingua d'areia, chamada Ponta Gêa, continuação da praia da bahia de Mazanzane, no Oceano Indico.

O terreno onde assenta a povoação, é todo de corôas de areia, de forma alongada e curva. Entre a Ponta Gêa e a embocadura do Pungué existe um *esteiro* conhecido pelo nome de Chiveve, que quasi separa a povoação da terra firme, onde está estabelecido o bairro indigena, aquartelamento da policia militar, caminho de ferro, etc.

Em frente da embocadura do Chiveve fica o fundeadouro, bastante vasto e abrigado, tendo fundos de 11 metros na baixamar.

Posto isto, lancemos uma vista retrospectiva sobre determinadas causas locais, que dêram logar a uma successão de trabalhos emprehendidos pela Companhia de Moçambique, trabalhos de natureza especial, pois, estes tiveram por fim proteger a povoação, n'uma certa zona, aos effeitos do mar, que ameaçavam destrui-la.

Por influencia das correntes do rio Pungué, e, sobretudo, as de vasante, que adquirem uma velocidade approximada de 5 kilometros a meia maré d'aguas-vivas de equinoxio, produz-se uma corrente secundaria de reverso que incide sobre o esteiro, praia adjacente e Ponta Gêa, e d'aquí vira para a Beira até attingir a parte da praia protegida pela antiga muralha, seguindo d'ahi até á ponta da Alfandega, para depois se incorporar com a corrente principal do Pungué. Os ventos predominantes são os de E. e SSE., e a corrente

de reversa, no seu movimento descendente, quando attinge uma direcção igual á d'aquelles ventos, é por elles auxiliada, produzindo o phenomeno das corrosões. Este phenomeno dá-se n'uma extensão assaz grande, pois, é bastante accentuado desde um pouco a montante da ponta da Alfandega, praia da Beira, Ponta Gêa, pharol do mesmo nome e toda a praia do Oceano Indico, a uma distancia consideravel, onde se fazem movimentos importantes de areia. Tenho observado n'estes ultimos tempos, desde que se constroeu o pharol da ponta Macuti, a 5:600 metros do pharol da Ponta Gêa, que o perfil da praia tem baixado de 1 metro desde aquelle ponto para nordeste e sudoeste. Estes transportes dão, como consequencia immediata, alternadamente, depositos e corrosões, mas a sua resultante dá a prevalencia a estas ultimamente.

É claro que este assumpto, pela sua complexidade, exigia, para ficar bem explicado, uma descripção minuciosa da serie de circumstancias locais que influem para este phenomeno. Mas como o meu fim é outro, e me faltam conhecimentos profissionais para me espraçar sobre assumpto tão delicado, dou como sufficiente o que venho de citar, para se saber da causa principal que originou as obras que passo a referir.

Quando aqui cheguei, abril de 1898, existia já uma grande parte da muralha de defeza, que depois se foi successivamente prolongando até á praça de Vasco da Gama, muralha que tem origem pelas alturas da «Oceana C.»

Antes d'esta época, o phenomeno das corrosões já era bastante accentuado, mas, como aqui se afirma, não incidia directamente na zona habitada, porque a praia então entrava mais pela baía do Pungué, e tanto, que em frente do hospital Rainha D. Amelia, a distancia ao mesmo era talvez de 200 a 300 metros.

O que é facto, é que depois essa grande faixa de terreno, que se prolongava desde a Ponta Gêa até á ponta da Alfandega, seguindo uma linha mais ou menos irregular, se foi reduzindo, até ameaçar as edificações que constituem a zona marginal.

O primeiro genero de defeza empregado foi o de um muro de blocos artificiaes justapostos, cingindo-se o seu alinhamento ao das edificações, a meia escarpa do talude da praia, prevendo-se uma pequena excavação para assentamento da primeira fiada.

Teve-se que abandonar este systema de defeza, porque a rebentação, que é fortissima, demolia o muro, projectando alguns blocos á distancia!

Foi então resolvida a construcção de um muro de maior solidez, de agglomerado de cimento e areia, vasado entre taipaes.

Tem por capital defeito, o ser a sua directriz muito irregular e assentar a meio talude da praia, mas o unico culpado d'isso é o mar, que ameaçava tudo destruir, não dando tempo para mais perfeições. Mais tarde, foi preciso reforçal-o por

contrafortes exteriores, distanciados de 10 metros, porque a impossibilidade de levar as fundações á cota mais profunda deu como consequencia assentamentos muito pronunciados. Havia outro factor importante que concorria para o mesmo fim, e esse era o da falta de aterro á rectaguarda do muro. Esta falta trazia consigo as seguintes consequencias: O mar, passando a bater de encontro á muralha, espadanava, cahindo em grandes massas á sua rectaguarda, indo avolumar a que se achava empoçada por infiltração. Ao descer da maré, esta agua procurava sahir, o que só o podia fazer para baixo do muro, arrastando, portanto, areia em grandes quantidades, e ali uma das origens dos assentamentos, por falta de apoio na base. Occorre perguntar, porque é que se não fez então o aterro. É bem simples de explicar. Porque não era possível attender a tudo ao mesmo tempo, e muito especialmente a este, porque era preciso ir buscar as areias a grandes distancias, e a sitios onde os arruamentos ainda não chegavam, e, portanto, o material fixo para a exploração das areias.

Tudo se fez com o tempo, para allivio de todos, pois andavamos com o crêdo na bocca e a sonhar que morriamos afogados.

As boas obras são sempre dignas d'uma recompensa, e por isso não deve ficar no esquecimento a pleidade de individuos que tanto trabalharam n'essa occasião, especializando, como não pôde deixar de ser, pela indole do serviço a que pertenciam, todos os que faziam parte do pessoal das obras publicas, desde o seu director até ao mais humilde dos seus trabalhadores. Convém notar que não tomei parte alguma d'esses affazeres.

Quando a antiga muralha já chegava ás proximidades da Praça Vasco da Gama, o que prefazia uma linha de defeza de 1013^m, e isto foi ali por principios de 1899, chegava á Beira o ex.^{mo} sr. capitão de engenharia, Francisco da Costa Serrão, encarregado pela companhia de Mocambique de fazer o estudo do «Plano Geral do Porto da Beira», e estudo bastante conhecido e muito apreciado, não só por revelar profundos conhecimentos technicos do seu auctor em materia tão especial, como da justeza das suas observações, que tem sido sempre corroboradas pelos factos.

N'essa época accentuavam-se muito as corrosões da praia em frente do Correio, desde o extremo Norte da muralha até á embocadura do Chiveve, onde as areias iam a pouco e pouco assoriando o fundo. O talude da praia estava a uns 80^m da linha das edificações que formavam a face Este da praça Vasco da Gama, e, se bem me lembro, quando se fez a inauguração do lançamento da primeira pedra para o monumento a erigir a tão grande vulto da nossa historia colonial, o monolitho assentava ainda a uns bons 20^m aquem da aresta do talude da praia.

Pois, no curto espaço de alguns mezes, esse talude desaparecia, recuando conjuntamente

com as successivas defezas que se iam fazendo até aos estabelecimentos, Martini, Queen's Hotel e proximidades do edificio do Correio.

Descrever o que se fez para impedir que o mar arrastasse consigo as casas ameaçadas, seria fatigante, e, por isso, disponso-me de tal, livrando os leitores de massada tão grande.

Por conselho do sr. Serrão, foi continuada a muralha, não seguindo o seu alinhamento, mas por um esporão que fazia com aquella um angulo de 120^o, observando-se ao fim de dois mezes, pouco mais ou menos, que no angulo reintrante que ficava existindo na muralha, as areias se elevavam até quasi á altura do coroamento. Quando isto se dava, viu-se tambem que avançavam para o topo do esporão, não tardando que o contornassem até attingir a base do talude, que estava sendo corroido junto ao canto da casa Martini.

Um pouco mais adiante, alturas do Queen's Hotel, a corrosão continuava, o que tendia a provar que se produzia um transporte de areias ao longo da antiga muralha e de Sul para o Norte.

Por circumstancias que não veem para o caso, não se poderam fazer as obras projectadas pelo sr. Serrão, e, mais tarde, em abril de 1900, era presente um outro projecto para «Defeza da Beira», elaborado pelo mesmo sr., que, subordinado ao «plano geral dos melhoramentos», tinha por fim impedir os estragos que o mar ia fazendo.

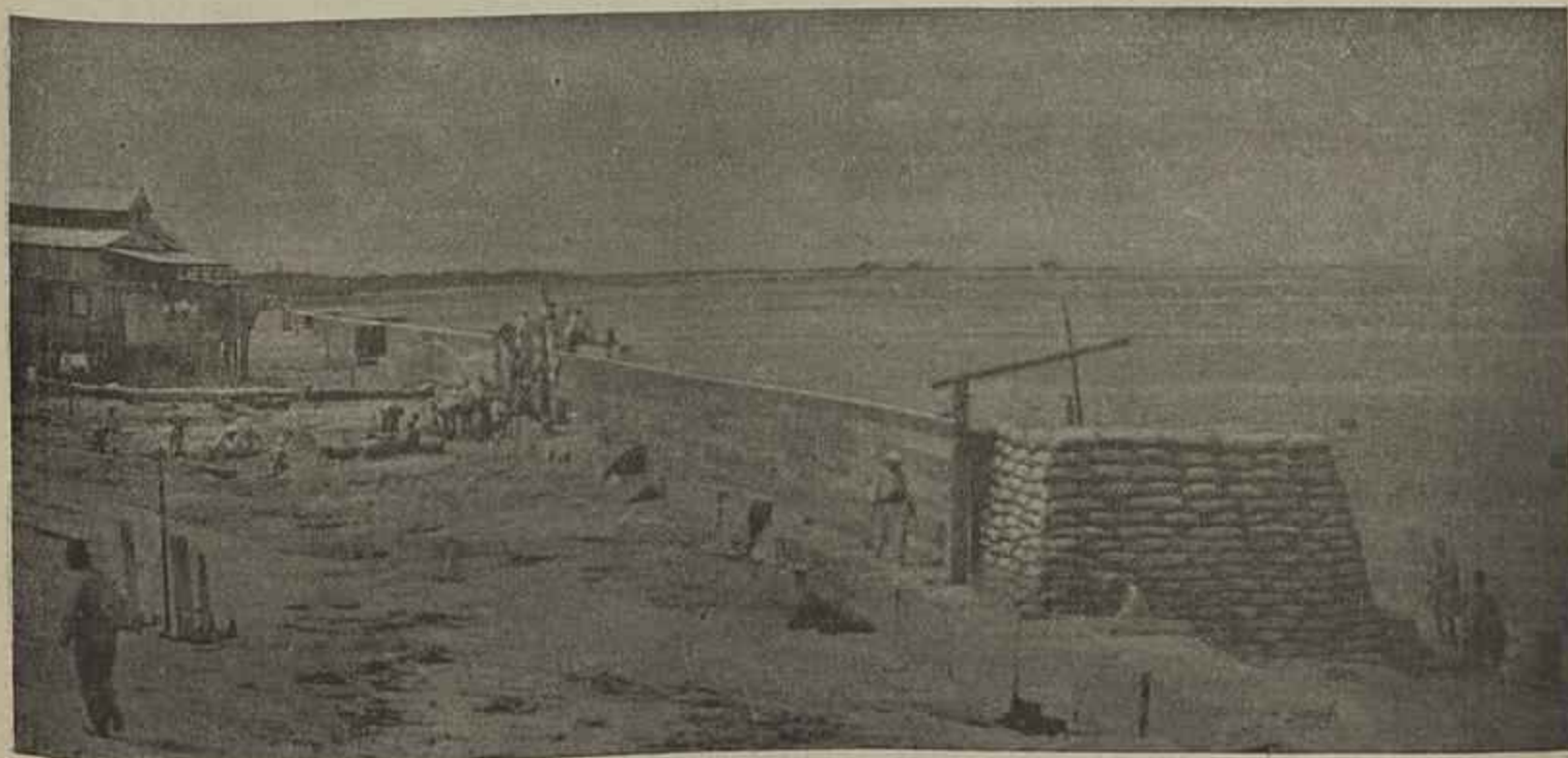
Nas suas linhas geraes, estas obras compreendiam um aterro marginal protegido por empedrados, partindo do extremo do esporão, em alinhamento recto, até á ponta da Alfandega, onde tornejava em curva até ao caes de madeira mais proximo da embocadura do Chiveve.

O alinhamento recto seguia uma linha muito approximada da da baixamar, subtrahindo-se por esta forma ao enfiamento dos ventos reinantes. Para jusante, do extremo do esporão e no prolongamento do alinhamento do empedrado, uma pequena *jetée* que tinha por fim principal o de reter as areias que vinham de jusante, formando um aterro natural e sem dispendio.

Mais para montante do Chiveve, um aterro, revestido de empedrado, partindo do caes de madeira em frente da rua do Conselheiro Ennes até concordar com o muro do Chiveve.

Fica, assim, ligeiramente esboçado o conjuncto da defeza estudada, que ainda, por circumstancias que desconheço, se não levaram a effeito, sendo mais tarde estudado um novo plano pelo ex.^{mo} sr. capitão de engenharia Thiophilo José da Trindade, quando Director Geral das Obras Publicas.

Como construcção, o trabalho de mão d'obra dos empedrados offerecia as suas difficuldades pela natureza do aterro (areia) que teria conjunctamente de ser feito com aquelles, a menos que se não protegesse este com uma ensacadeira, o que seria muito dispendioso. Por outro lado, a



CONSTRUCÇÃO DA MURALHA ANTIGA

Melhoramentos do porto da Beira



CAPITÃO DE ENGENHERIA THEOPHILO JOSÉ DA TRINDADE

linha do empedrado ia muito além, 130^m do lado Este da Praça Vasco da Gama, e, portanto, mais baixo o terreno onde seriam feitas as fundações de espera ao talude de revestimento, o que obrigaria o trabalho, na primeira phase, a ser feito debaixo d'água, o que implicava logo o emprego, ou de caixões estanques ou de mergulhadores, afóra as contrariedades subsequentes ao avançamento dos trabalhos, devidos ao mar quando agitado.

Não quer isto dizer que as obras projectadas pelo ex.^{mo} sr. Serrão não fossem executáveis, eram-no sem a menor dúvida, mas ha a attender que a não execução rapida d'uma obra de defeza ameaçava a Companhia de ter prejuizos materiaes e monetarios muito importantes, que a crise financeira não permittiria decerto cobrir.

Por isso, foi proposto um projecto de muro, que seria implantado um pouco acima da linha da baixamar, isto é, uns 30^m aquem do empedrado, o que permittiria o trabalho das fundações a secco.

Parte este muro do extremo Norte da antiga muralha, em alinhamento recto, paralelo ao lado Este da Praça Vasco da Gama, até á Capitania do Porto, concordando por meio d'um troço em curva com outro alinhamento que faz com o primeiro um angulo de 80° 30'.

Foi nomeado director dos trabalhos o distincto engenheiro militar o sr. Lisboa de Lima, ao tempo «Director dos Serviços Urbanos», por estar vago o lugar de Director Geral das Obras Publicas, logar exercido interinamente pelo sr. Bellegarde da Silva, Director de Agrimensura.

Tentou a Companhia de Moçambique entrar em accordo com a Companhia do Sud Est Africain, para que esta construísse a obra por empreitada, e, na impossibilidade de se chegar a um contracto razoavel, deliberou a Companhia fazel-a por Administração, dando-se começo aos trabalhos em dezembro de 1901.

Para melhor se fazer ideia da importancia da obra que modestamente desejo fazer conhecida, faço acompanhar este escripto por algumas photographias das differentes phases de trabalho.

A extensão de muro a fazer era de 371^m, correspondendo-lhe um volume de alvenarias de 7.668^m de beton e um aterro de 97.410^m.

Pelo sr. Lisboa de Lima foi executada até 1 de abril de 1902 (data em que fez entrega dos trabalhos ao actual Director Geral das Obras Publicas, o sr. Carlos Roma Machado de Faria e Maia, aqui chegado em dezembro de 1901) uma extensão de muro de 87^m, sendo o volume de beton de 2.000^m e o aterro de 5.888^m, restando, portanto, a fazer 5.578^m d'alvenarias e 91.551^m de terraplenagens.

Foram muitissimo bem iniciados os trabalhos pelo sr. Lisboa de Lima, e mais uma vez patenteou este sr. a sua comprovada actividade e meritos do bom engenheiro que é.

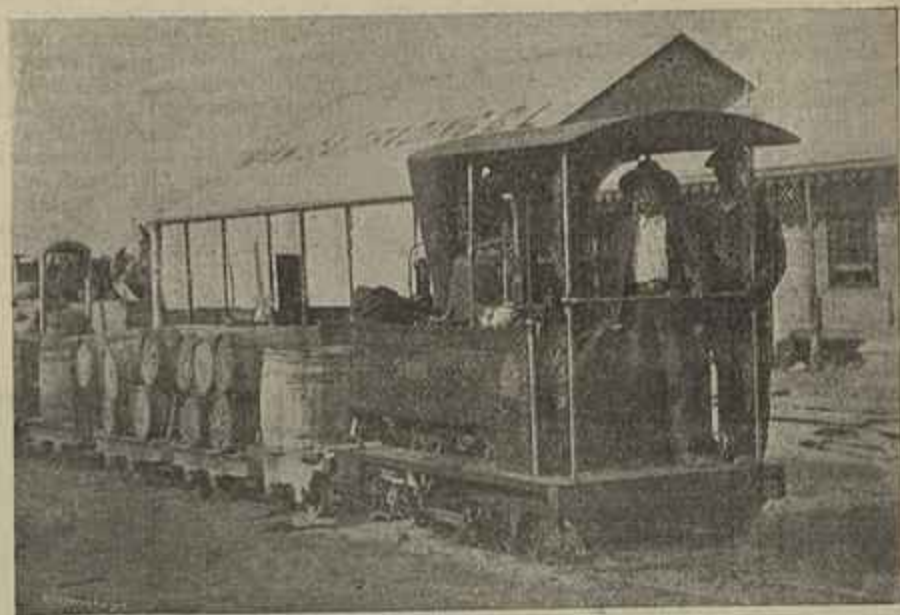
O sr. Roma Machado, no proseguimento dos trabalhos, a que deu um grande desenvolvimento, desdobrando-o em varias fracções de taque, attestou n'esta obra a sua grande competencia, confirmando a fama de que vinha precedido.

Por iniciativa d'este sr., foi dotada a obra d'um plano inclinado para receber navios de 800 toneladas, onde podem ser reparados, o que muito importa a esse porto, e onde actualmente (por não se achar concluida esta obra) é impossivel fazer a menor reparação, notando-se que a propria Companhia é a primeira a sentir-lhe a falta, porquanto, possuindo já alguns barcos, entre elles a Draga, a primeira reparação de consequencia que se tenha de fazer, ver-se-ha obrigada a recorrer a outro porto, como já aconteceu com o vapor da Capitania, Ophir, que teve de ir ao Natal.

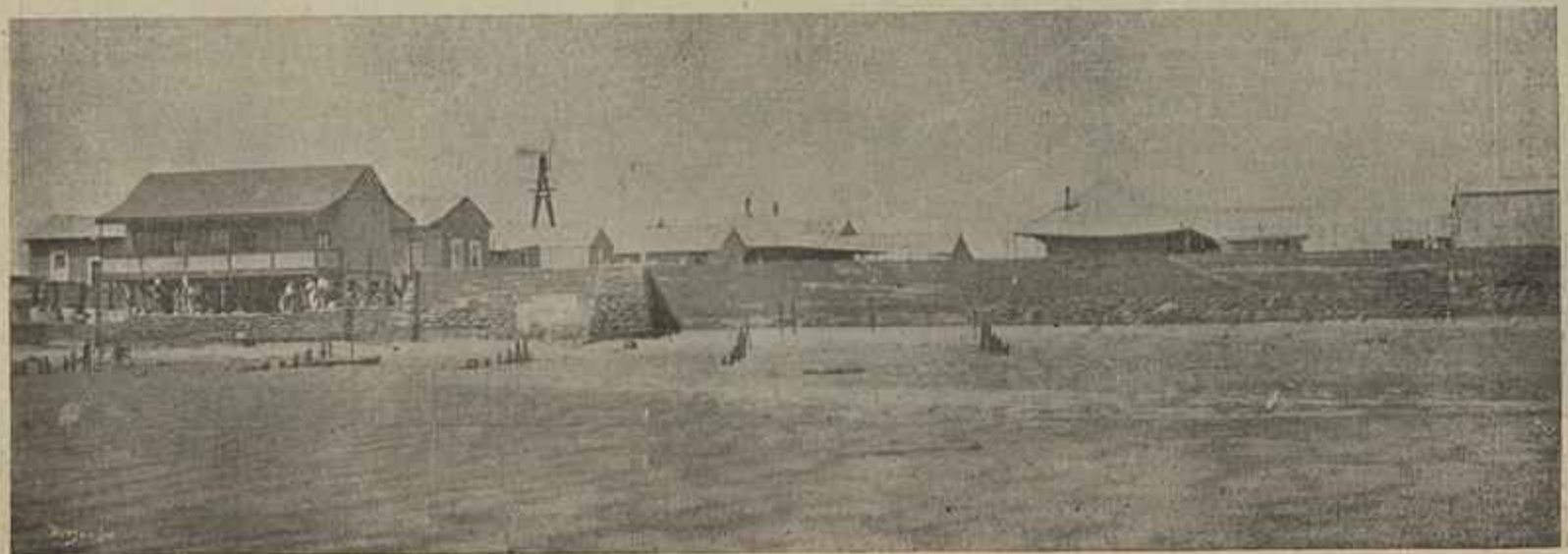
Em principios de 1902, propunha o sr. Roma Machado, ao Governo d'este territorio, a construcção d'uma muralha no recinto da Alfandega, que em grande parte era de madeira, o que demandava o dispêndio de importantes sommas na sua conservação e que nunca se conseguia tel-o em estado de aguentar o peso de mecradorias.

Approvada a proposta, fez-se o projecto, d'esta obra que comprehendia 130^m de muralha 2300^m de beton e 13593^m de aterro.

Foi começada em março de 1902 e concluida em fevereiro de 1903.



UM COMBOJO DE TRANSPORTE DE MATERIAL



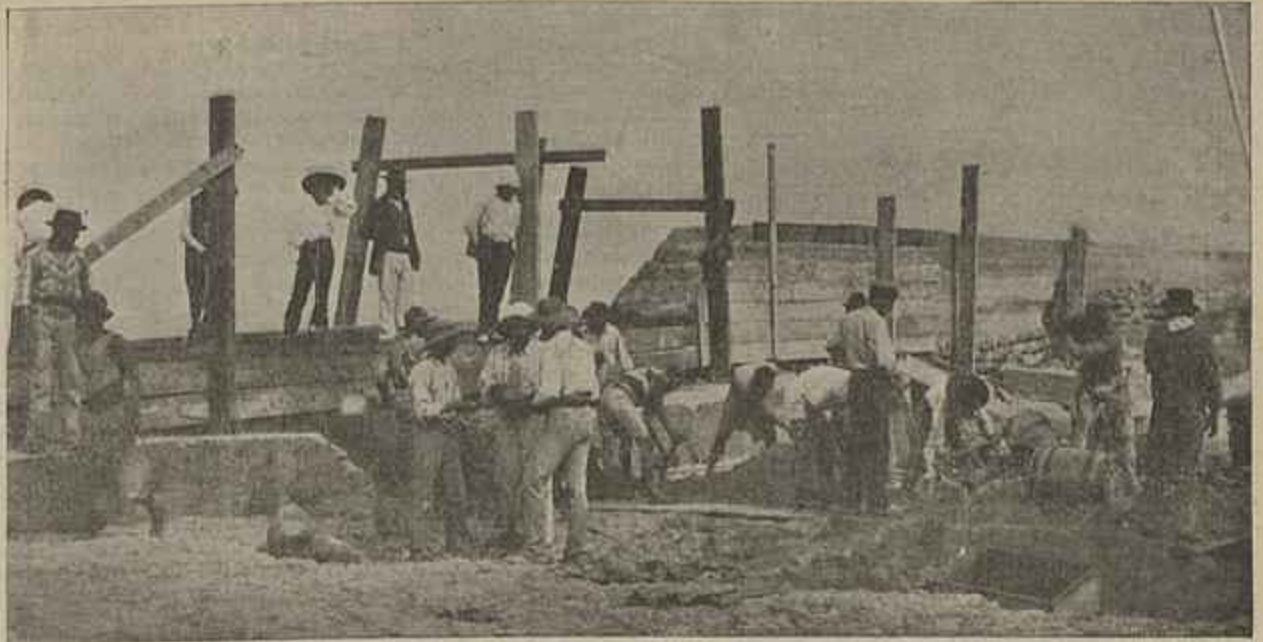
MURALHA ANTIGA, VISTA DA PRAIA

Melhoramentos do porto da Beira

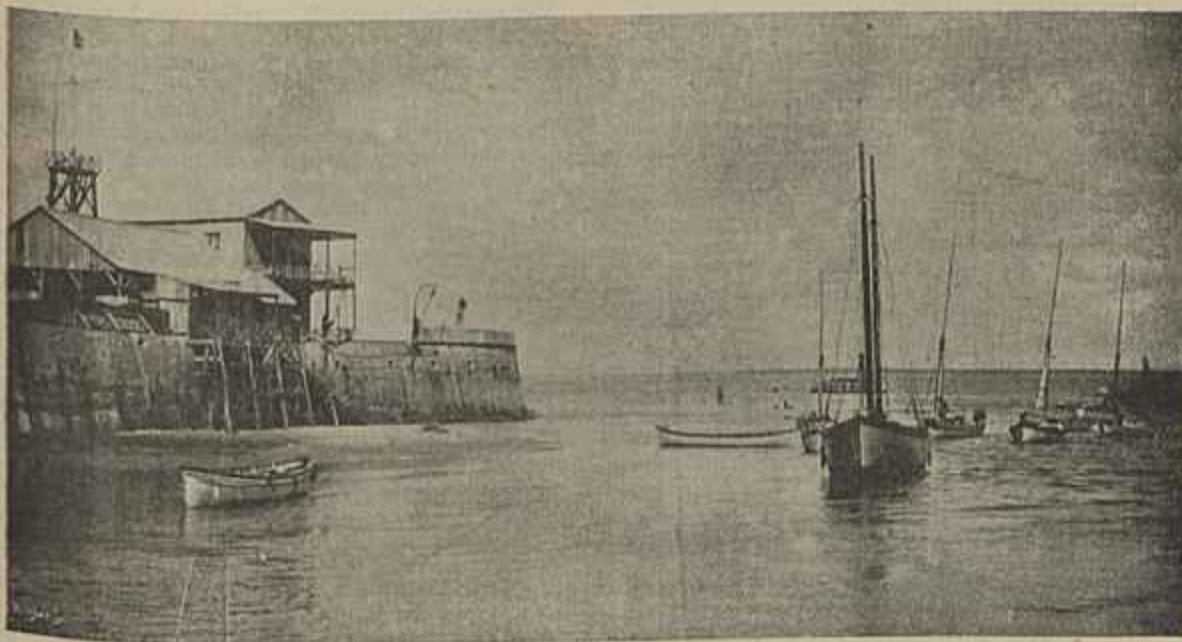
Foi esta, sem duvida, a parte mais difficil de executar, porque o terreno era de fundo vasoso, exigindo o emprego de estacas em todo o comprimento do muro, e pontos houve onde foi necessario recorrer ao emprego de enrocamentos para tornar a obra mais solida. Outras difficuldades se apresentaram provenientes do muro ter 7^m de altura, sendo a excavação em fundações feitas a uma cota d'agua, de 1^m de profundidade na baixamar d'aguas vivas, e devido ao grande movimento da Alfandega que exigia espaço para as suas mercadorias, sendo curioso ver a conquista d'esta obra logo que havia um palmo de muro feito e respectivo aterro.

Era interessante observar o movimento extraordinario que então havia e a influencia benéfica nos animos de todos, assoberbados pela crise que já então era terrível.

Resumindo, vê-se que a Beira possui hoje uma zona eficazmente protegida, na extensão de 1514^m, e uma conquista de terreno de 14.180,00^m na parte da povoação



TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO DA MURALHA, UM «CHANTIER»



UM TROÇO DA MURALHA DA ALFANDEGA

dos importantes melhoramentos que venho de falar e d'outros que me occuparei n'outro artigo.

Não ha duvida que este milagre, se assim lhe quizerem chamar é consequencia immediata da boa orientação de quem governa, e sem adulação, nem querer ferir ninguém, não devo calar o quanto esta colonia deve ao anterior governador o sr. Theophilo José da Trindade, distincto engenheiro militar, que durante anno e meio governou estes territorios, sendo valiosamente auxiliado na realisação do engrandecimento d'esta terra, por tres homens de grande merito, a quem muito se deve e de quem já fallei anteriormente.

Oxalá a Companhia saiba ser justa, conservando tão valiosos cooperadores, auxiliando-os consoante as suas forças.

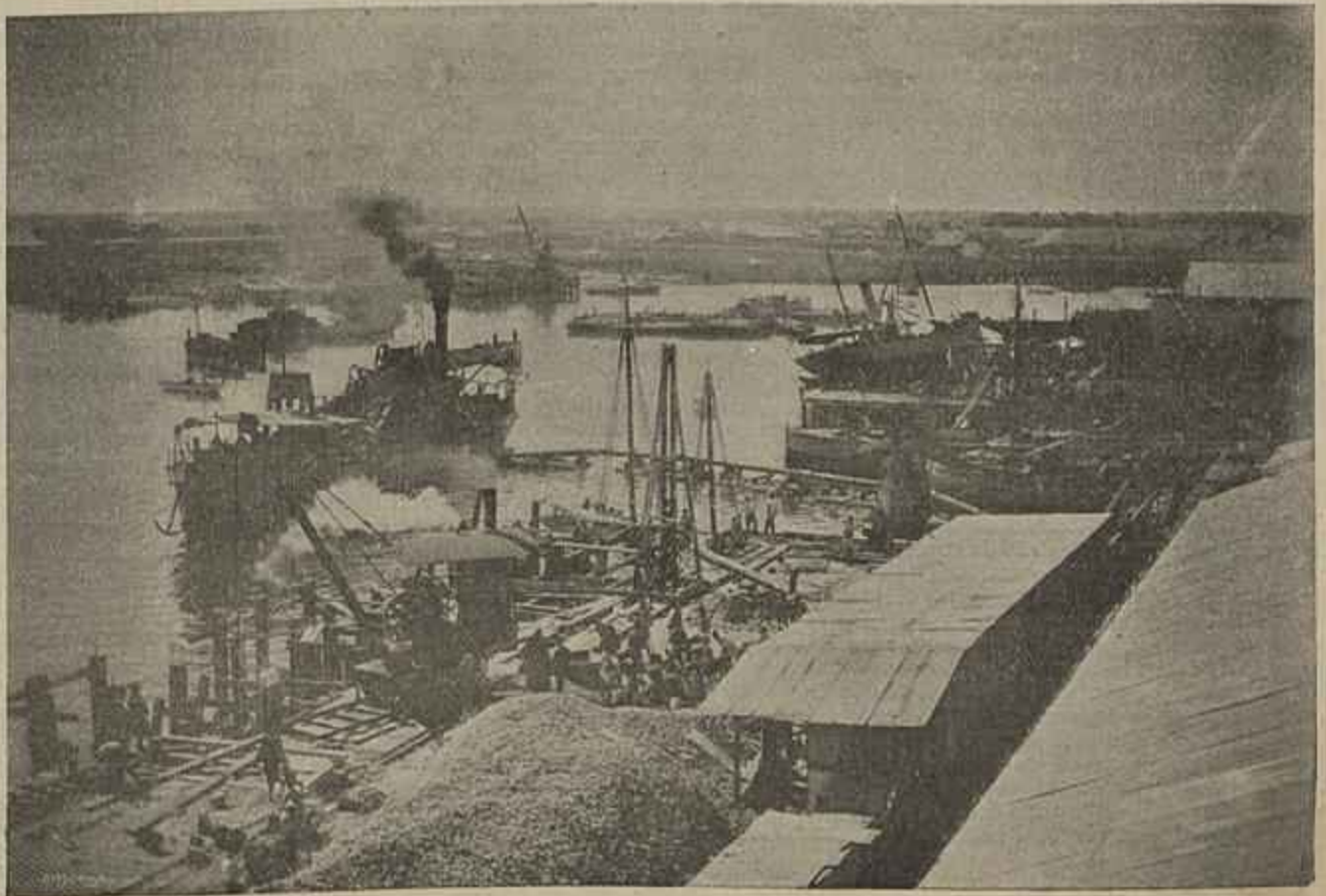
Isto vem a capitulo, porque n'esta Companhia é frequente a mudança dos funcionarios de maior representação hierarchica, o que traz como consequencia um passo atraz do caminho já percorrido, pois quem vem tende sempre a modificar o que já estava em via de realisação, e . . . pretende sempre apresentar obra propria. Erro grave e pre-

de maior valor, garantindo á Companhia o capital dispendido, logo que a crise tenda a diminuir, permittindo a sua venda em boas condições.

Não podendo ser mais extenso, seja me permittido uma observação pessoal, que não terá outro merito senão o ser muito verdadeira, para depois me occupar de um outro melhoramento não menos importante, relativo ao desenvolvimento da Alfandega na parte que diz respeito ás obras allí feitas, devidas ao notavel esforço e perseverança do actual director d'aquella casa fiscal o sr. Pery de Lind.

E' notorio que, justamente na phase a mais pronunciada da crise geral da Africa do Sul, que tanto se tem reflectido nos territorios da Companhia de Mocambique, se tenham feito obras de tanta importancia, de caracter tão definitivo, quando em tempos aureos, que já lá vão, teria sido mais natural que estas fossem iniciadas e muitas outras que estão em projecto, e que, segundo creio, breve serão postas em execução.

Ora, isto tem lugar justamente quando é mais evidente o retrahimento do capital, não impedindo este facto, comtudo, a realisação



MURALHA DA ALFANDEGA, COMEÇO DOS TRABALHOS EM 1902

juizos subsequentes, que tanto teem concorrido para o nosso descredito.

Agora passemos á Alfandega da Beira. Se se podesse por em confronto a Alfandega de 1899 e a Alfandega d'hoje, estou certo que se diria sem exatidão que uma e outra não são a mesma. E assim é.

Justificando, vê-se que a Companhia possuía em 1901 uma superficie coberta de armazens de 4152^m 2 proximamente, sendo tres armazens geraes e tres de deposito de mercadorias, e, depois d'esta data, fizeram-se: um armazem para mercadorias em transitio, outro de despacho de mercadorias, outro para despacho de bagagens; ampliaram-se os tres armazens de deposito e adquiriram-se os tres armazens alfandegados de particulares, o que representa um augmento de superficie de 2865^m 2.

A par d'estes melhoramentos faziam-se outros, taes como: construcção de betonilhas nos antigos armazens que eram terreos, construcção de uma boa cisterna, pavimento de betonilha no caes descoberto e um magnifico telheiro de abrigo ao longo das empenas dos armazens que olham ao Chiveve, permitindo o movimento de mercadorias em casos de mau tempo, e, finalmente, a vedação completa da Alfandega por meio de gradeamentos, resultando do conjunto de todas estas obras uma certa harmonia que muito importava para bem dispor o viajante que por aqui passa para a Rhodésia, levando uma impressão bem lisonjeira do nosso progresso.

Por isto se pode fazer uma pequena ideia do que é a Alfandega d'hoje, podendo-se dizer afoutamente, que está em condições de fazer face a um grande movimento, quer de mercadorias em transitio para a Rhodésia, quer as de importação directa para o territorio.

Não se descuidou o actual Director da Alfandega de dotar as repartições technicas de melhoramentos que de ha muito reclamavam, podendo-se dizer que, embora modestas, as repartições d'esta casa fiscal são actualmente decentes, arejadas e hygienicas.

Eis-me chegado ao termo das minhas divagações, e o publico que me fizer o favor de ler, que me releve a massada pela boa intenção: e justiça me fará se se capacitar de que o meu unico intento é, como ao começo disse, fazer conhecidos os progressos d'esta colonia, que, em futuro que não virá longe, será uma das melhores do nosso dominio colonial se a Companhia de Moçambique continuar na senda que ha algum tempo a esta parte encetou.

Beira, 28-12-903.

Afonso do Carmo.

POLITICA EM PORTUGAL

VII

(Concluido do n.º 905)

Os artigos devéras interessantes que appareceram no *Seculo* sob o titulo — *Angola* — despertaram-me a vontade de reproduzir aqui um escripto meu que em 1898 foi publicado no *Tempo* a proposito de um documento digno de toda a ponderação, assignado por pessoas de conceito, d'aquella nossa provincia ultramarina.

E porque não o julgo inoportuno e nem mesmo descabido n'este lugar, offereço-o aos leitores do *Ocidente* como complemento do que dei de colonias em geral; eil-o pois:

«O Centro Commercial de Loanda, dirigiu uma representação ao chefe do Estado, assignada em 12 de maio do anno corrente.

Depois de varias e sensatas observações relativas a assumptos de economia e administração, taes como impostos do municipio, o excesso da circulação da moeda de cobre, a questão das tarifas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa, a necessidade de impôr nos contractos officiaes com as companhias de navegação a obrigação de serem passados recibos de entrega de cargas nos caes dos portos para onde os navios as transportam, a cultura do algodão, etc.; depois d'isto, lê-se no alludido documento: «No acanhado espaço d'uma representação só syntheticamente se podem e devem formular alvitres; é o que acaba de fazer o commercio de Loanda no cumprimento da sua missão civica. As capacidades dirigentes compete desenvolvê-los, protegendo-os de todo o concurso de capitaes a 7 e 9 por cento, d'onde só sãe triumpante a usura.

O problema colonial, velho como é, carece de rapida e generosa solução a bem dos interesses de todos.

Nessa esperança se dirige pela ultima vez, o commercio de Loanda a Vossa Magestade, ainda crente que alguma cousa se decretará em favor de sua causa, restituindo-lhe a serenidade de espirito, tão essencial á continuação da lucta pela existencia, e animando-o a vêr no seu monarcha um penhor seguro das suas justissimas aspirações.»

São convenientes e respeitosos os termos em que se acha redigida toda a representação, e por esta razão mesmo, ainda mais penalisa uma verdade que se deduz da sua leitura: é que já anteriormente e debalde foi feito appello semelhante para a metropole.

Vou aqui transcrever como unico comentario a este facto desanimador uma passagem do celebre Necker, n'uma obra de seu proprio punho ácerca de finanças francezas.

Embora exista differença profunda nas circumstancias de tempo e no systema politico que nos rege, contudo, encontro a philosophia do caso presente nas phrases do demissionario de 1790, de quem Thiers teceu este retrato: «Necker errava muito em suppôr que a razão vencia tudo, e que exposta com sentimento e logica, devia triumphar da pertinacia dos aristocratas e da exaltação dos patriotas. Necker possuía uma razão severa que julga as paixões dos outros sem lhe perdoar os desvarios.»

Vê-se agora qual foi a passagem que me impressionou: «Os reis estão expostos a enganarse, e ousarei dizer mesmo que este risco é inevitavel sempre que dão decisões finaes mediante o relatório isolado de um chefe de departamento: porque ha negocios onde com todos os recursos de engenho nunca podem adivinhar as considerações que ficam occultas debaixo de véu ou de que se não disse a primeira palavra; mas um ministro que não está separado dos outros homens por sua dignidade e a quem é facil relacionar-se com as diferentes pessoas cuja instrucção pôde esclarecê-lo, tem livres e abertos todos os caminhos para chegar á verdade.»

Os papeis de responsabilidade immediata importam certamente no constitucionalismo contemporaneo, um quantitativo maximo de attentões e esforço redobrado nos ataques de critica, mas não deixam por isso aquelles que lhe fixam e accentuam o centro de acção, de receber com o cargo da chefia suprema o dever imperioso de procurar os meios de illustração que possa habilitar-os a bem usar do seu «veto».

São, de facto, muitissimo complicadas as attribuições complexas de governo e convem guardar a todo o transe as linhas de demarcação que entre si dividem os diversos corpos administrativos; mas nenhum d'estes motivos, aliás ponderosos, pôde cohonstar a falta de curiosidade judiciosa da parte dos primeiros magistrados dos povos no que respeita problemas de interesse nacional e nem ainda o esquivarem-se á manifestação physica ou aspecto exterior de seu assentimento ou de sua reprovação ante resoluções ministeriaes em processos graves de expediente.

Os negocios coloniaes, no actual momento em que os erros porventura abusivos de uma potencia estrangeira lhe crearam os maiores embarços em suas possessões, suscitando-lhe tambem uma situação melindrosissima de hostilidades internacionaes, os negocios coloniaes, digo, reclamam hoje em Portugal a attenção desvelada dos secretarios do poder e a interferencia plausivel do soberano.

Um dos espectaculos mais constantes no theatro da Historia, é a revolta e independencia de colonias sempre que a sua voz queixosa não é attendida devidamente.

Sem querer remontar a épocas longinquoas, citarei apenas os Estados-Unidos da America do Norte.

Quando os antigos colonos recusaram submeter-se ás medidas de gravame de impostos decretadas em sua metropole e que a Inglaterra não accedeu a suas reclamações, elles recorreram serenamente á força como unica solução natural na conjunctura em que se encontravam.

«A voz do povo, affirma-nos o conde John Russell no *Ensaio sobre a historia do Governo e da Constituição britannicos*, obrigou entretanto algumas vezes a Camara dos Communs a exercer o seu direito de intervenção constitucional. O exemplo talvez mais notavel do exercicio d'este direito teve logar no fim da guerra da America. Por uma resolução tomada sobre esta questão, a Camara dos Communs declarou que a continuação ulte-

rior de uma guerra offensiva sobre o continente da America do Norte, tendia a enfraquecer a patria e a impedir a reconciliação com a America.»

Ora nós não chegamos por enquanto a tal extremidade e exactamente por isso é que importa quanto antes dar satisfação plena a todas as representações do character d'aquella a que me vou reportando.

Ha tres periodos, em especial, na representação do Centro Commercial de Loanda que, além de merecerem estudo meditado constituem prova tacita de immoralidade typica e de desleixo inveterado.

Eil-os:

«A cultura do algodão, por exemplo, que tanto tem engrandecido as duas Americas, espontanea em algumas regiões ao longo da linha (*referem-se os signatarios á via ferres de Ambaca*), e que tambem podia ter sido aproveitada, desprezou-se completamente.

«Pois representando o consumo d'este producto nas fabricas da metropole cerca de 4:000 contos em ouro, facil é aquilatar o valor de tal desprezo.

«O caminho de ferro de Ambaca, Senhor! serviu de pretexto a desbarato de muito dinheiro, mas nunca de incentivo á exploração da riqueza dos terrenos que atravessa.»

A nossa provincia de Angola, cuja capital é S. Paulo de Loanda, cidade de mais de 16:000 habitantes, conta no numero de suas produções o cacau, assucar, café, tabaco, a cola, ricino, algodão, gomma; possui em seu solo minas de cobre ferro e ouro, e tem o hipopotamo e a abelha utilissimos animaes que dão o marfim e a cêra.

Com elementos d'esta natureza, não podia a provincia que o nosso Diogo Cão descobriu em 1486, prosperar agora desassombadamente, contribuindo para o justo orgulho e para o legitimo esplendor de sua metropole?

«Quando nossos camponios gaulezes, escreveu Michelet em seu formoso livro *O Povo*, expulsaram os Romanos por um momento e fizeram da Gália um imperio, gravaram sobre sua moeda a primeira palavra d'este paiz (e a ultima): *Esperança*».

E é coherente nutrir esperança de melhor sorte, nós, portuguezes, tão habituados a promessas de bom governo, jámais cumpridas?

Não servirá de estimulo a nossos dirigentes, a lição tremenda das coisas que se passaram em Cuba e nas Philipinas?

«Na balança de forças que procuram a supremacia politica é preciso ter em conta não sómente os valores pessoaes, mas ainda os valores mobiliarios e imobiliarios e além d'isso, ter em vista a desigualdade natural de facultades moraes e de forças puramente physicas na composição dos valores pessoaes.»

Isto disse Molinari em um dos melhores capitulos que se tem escripto ácerca da Revolução franceza, e creio que ninguem ousará a sério contestar o valor intrinseco de seu assérto.

A administração colonial pode traduzir-se de um momento para outro em questão delicada de vitalidade ou de morte lamentavel e deshonrosa.

E', pois, de maxima urgencia que se tomem a peito as reclamações dos povos do Ultramar e que não se adiem para o dia de amanhã como se fossem hypotheses simples as decisões a dar sobre pontos importantes que formam sua materia apreciavel.

O interesse publico deve antepôr-se insistentemente a todas as exigencias de politica partidaria que se não amoldam com rigor á defeza da causa nacional. Mantido que seja o decoro da auctoridade e acatada a integridade territorial da patria só resta, mas impreterivelmente aos chefes de estado e a seus governos reparar com inteira equidade os agravos que lhes expõem as victimas de má fé ou de ignorancia.

D. Francisco de Noronha.

A TORNADA

(De Guy de Maupassant)

A costa era batida pelo mar no seu constante marulho, e a aldeia perto da collina caíndo sobre o oceano, espreguiçava-se aos ardentes raios solares.

Abandonada á beira-estrada, via-se a morada

da familia Martinho Levesque. Ante uma cabana de pescador havia um pequeno quintal, defendido por uma estacada de madeira.

O marido fora para a pesca e a mulher concertava umas redes collocadas ao longo do quintal. Estavam com ella duas pequenas de treze para quatorze annos, e mais além dois garotetes de tres e quatro annos.

Conservavam-se silenciosos; a mais velha das raparigas, porém, rompeu o silencio para dizer que o homem tinha apparecido de novo.

As mulheres ficaram pouco socegadas, pois que desde manhãzinha um individuo de má catadura andava em de redor da casa. Mãe e filha estavam devéras amedrontadas.

O actual marido appellava-se Levesque e a mulher chamavam-na Martinho, visto que fora casada primeiramente com um marítimo que usava d'esse nome, e que ia todos os annos á pesca do bacalhau nas costas da Terra-Nova. Após dois annos de casada houvera uma creança, e estava pejada quando recebera a má nova de que o lugre, em que Martinho embarcára—o *Duas irmãs*—tinha dado á costa. D'então por deante nunca mais se falou, nem tampouco se ouviu falar, d'esse desgraçado, nem da restante tripulação.

Durante dez largos annos foi Martinho esperado pela mulher, até que um pescador das proximidades—Levesque—se enamorou da supposta viuva, casando, e d'essa ligação nasceram em dois annos tres filhos.

A primogenita voltou a chamar a attenção da mãe para o homem que permanecia sentado e que se assimilava a um pedinte de Epreveiche ou de Anzebosch. A mãe animou-se e foi ter com o desconhecido.

—O que deseja d'aqui?—interrogou-o a mulher.

—Descançar e aspirar este bom ar; creio que não transtorno ninguém. Não se pôde estar aqui sentado?

A mulher não sabendo que responder regressou a casa. Esse dia passou-se vagarosamente e pelas cinco horas o tal individuo de mau aspecto desapareceu; quando Levesque voltou era já noite cerrada, e logo lhe narraram o acontecido; não ligou grande importancia ao que lhe estiveram contando e foi deitar-se tranquillo. Ao alvorecer da manhã, o vento sibilava forte e Levesque não quiz arriscar-se. Por volta das nove, a filha mais velha, que fora ao pão, regressou, correndo, esbaforida.

—Mãe—exclamou logo que pôde articular uma palavra—o homem lá está outra vez no mesmo sitio!

—Vae tu falar com elle, Levesque, vae e que nos desampare a porta!

Levesque aceitou o conselho da consorte e dirigiu-se para o desconhecido com quem entabou conversa, enquanto que a mãe e as filhas lhes seguíam os movimentos ansiosas e sobresaltadas. A subitas Levesque e o outro tomaram o caminho de casa, o que bastante assustou a Martinho.

—Serve-lhe pão e cidra—pediu-lhe o marido. O pobre Martinho sentou-se e comeu na presença de todos.

O marido perguntou se vinha de muito longe ao que o homem respondeu que sim, que chegara de Cete e que se dirigia para aquella casa, onde conhecia uma pessoa.

—E quem é o sr.?

—Sou Martinho!

A mulher fortemente emocionada acercou-se do recém-vindo e ficou extatica, de bocca aberta, e os braços caídos, sem poder dar palavra; passado o primeiro momento de pasmo exclamou:

—Pois és tu?

—Como vês!... Venho da costa africana; batemos n'um cachopo: Picard, Matinel e eu alcançamos a nado uma ilha selvagem onde nos aprisionaram durante doze annos. Picard e Matinel pereceram, e eu ha pouco tempo é que logrei occultar-me a bordo d'um navio inglez que me conduziu a Cete.

A Martinho soluçava como uma creança e escondeu o rosto no aventa.

—E o que se ha de agora fazer?—interrompeu Levesque.

—Somos dois maridos... e essas pequenas são minhas filhas?

—São!

—Estão deveras crescidas!

—Como havemos de desvenencillar esta meada?—repetiu Levesque.

—Como melhor te parecer. Não quero transformar a vida de cada um após tão prolongada ausencia. Tenho dois filhos e tu outros dois; o mais racional e rasoavel é cada um de nós cuidar d'aquelles que nos pertencem. A cerca da mãe é

que não sei resolver cousa alguma. A casa é minha visto que n'ella nasci e meu pae por sua morte, m'a doou.

A Martinho não cessava de chorar e as duas pequenas olhavam admiradas para o pae, que ainda ha pouco tanto as havia amedrontado.

—Lembrei-me d'uma coisa—disse repentinamente Levesque—é irmos ter com o prior para deslindar este intrincado caso.

Martinho aceitou de boamente a ideia e encaminharam-se ambos para a capella.

Ao passar por uma loja de bebidas Levesque convidou Martinho a beber um calice de aguardente.

Quando Francisco, o creado, os estava servindo, exclamou:

—Tu, por aqui, Martinho?

—E' verdade que sim!

—O primeiro marido!... E como é que vocês vão agora resolver esse negocio?

—Tudo se ha de arranjar a contento de todos.

—Mas, afinal de contas, qual é que fica sendo o verdadeiro marido?

—O que o senhor prior, a quem vamos consultar, indique!

Henrique Marques Junior

AS NOSSAS COLONIAS

(*Geographia physica e politica. — Ethnographia. — Industria. — Commercio. — Navegação. — Riqueza colonial. Trabalho indigena.*)

O auctor d'este livro, sr. Gomes dos Santos, actual primeiro redactor do *Correio Nacional*, já é conhecido dos nossos leitores por havermos aqui dado noticia de outros livros seus publicados ha mais tempo sobre o socialismo.



GOMES DOS SANTOS

No presente volume condensou em 196 paginas de texto logicamente disposto o que se encontra espalhado em numerosos volumes acerca das possessões portuguezas da Africa oriental e occidental.

Não é *As nossas colonias*, mero trabalho de copia e transcripção: Gomes dos Santos colheu como é natural em quem não visitou a Africa e tem consciencia do que faz, colheu, repetimos, muitos elementos para esse trabalho em relatorios officiaes, livros e documentos da especialidade, mas, criticou com criterio seguro e revelou faculdades brillantes em uteis conceitos e soluções praticas.

Entendemos que é de homens praticos que carecemos principalmente e não de oradores vãos de bom senso.

Ora o livro de Gomes dos Santos ageita-se a servir de ensinamento e de orientação a todos os individuos que pretenderem conhecer aquellas nossas possessões do ultramar e que desejarem exercer n'ellas funções publicas ou até simplesmente commercio.

O livro é acompanhado de estatisticas e quadros comparativos que põem em relevo a razão de todas as affirmativas do auctor e deixam os leitores ao corrente do estado economico actual das terras portuguezas de Africa.

Louvamos o sr. Gomes dos Santos pela idéa feliz de se entregar á redacção de semelhante volume que deveras corresponde a seu titulo e respectivos sub-titulos.

Incutir no espirito da gente portugueza da metropole o desejo de valorisar as colonias por sua presença na Africa, levada a effeito por emigração em termos, seria a melhor maneira de nos restituir á actividade viril que nos conquistou outrora um nome distincto entre os mais distinctos que a historia menciona nos registos de nobres empresas de descobrimento e de civilisação.

Agradecemos ao auctor a offerta do exemplar com que nos mimoseou.

R.

O «RADIO»

Os nomes de Becquerel e dos esposos Curie estão já sufficientemente consagrados nos annos da sciencia. Mais uma vez, tiveram elles ensejo de demonstrar o seu alto valor scientifico, recebendo, no dia 10 de dezembro de 1903, o premio Nobel de Physica.

Já em 1896, Becquerel reconheceu que o uranio produzia irradiações, comprehendendo os raios cathodicos e os raios X, sem que nenhuma fonte vizivel lhe cedesse essa energia. A esses raios se deu o nome de raios Becquerel.

Mais tarde, em 1898, os esposos Curie descobriram nos minerios do uranio dois elementos importantes a que denominaram «Polonio e Radio» os quaes tinham a propriedade de emitir raios Becquerel em maior quantidade que o uranio metallico.

Esses corpos radio-activos teem uma intensidade de radiação, dois milhões de vezes mais forte do que o uranio.

A extracção do rádio demanda grandes operações; d'ahi o seu alto preço commercial, além de que, a proporção do rendimento do radio em relação ao minerio de que é extrahido é relativamente diminuta—Basta para isso dizer, que por cada 10 toneladas de metal se obtém 1 grammu de brometo de radio puro; os raios do radio emitidos dão ao ar um poder conductor da electricidade.

Os raios Becquerel nem se reflectem, nem se refractam, nem tão pouco se polarizam.—Podem-se decompor, pelo iman, as irradiações em raios desegualmente desviados carregados de qualquer especie de electricidade, possuindo poderes de penetração nos solidos—Os raios negativos assemelham-se a projecteis, animados de uma velocidade superior á da luz, e cuja massa é menor do que o menor atomo de materia até hoje conhecido.

Emquanto o radio emette raios negativos, elle mesmo carrega-se de electricidade positiva—Curie, tendo conservado n'um tubo de vidro fechado á lampada, uma porção de radio, sentiu uma pequena detonação, precedida de faísca, quando tentou abrir o tubo, o qual se comportou semelhantemente como uma garrafa de Leyde. O desenvolvimento do calor que o radio produz é calculado em 100 calorias por hora.

São os saes de radio, espontaneamente luminosos, com uma cor violacea, quando seccos, devido á fluorescencia.

A sua acção sobre a pelle, é bastante intensa produzindo uma inflamação bastante viva. As propriedades do radio teem sido applicadas ao tratamento de varias doenças tendo dado resultados muito satisfactorios. O doutor Morton distincto clinico americano aproveitando as propriedades fluorescentes do radio, começa por impregnar o organismo atacado, de saes de quina, substancia que se torna fluorescente pela acção do radio, e, em seguida, submete os pacientes, á acção dos raios X.—Parece que o organismo dos doentes supporta mais facilmente, os remedios no estado fluorescente, e por essa forma se tem obtido resultados vantajosos.

Por meio do radio se pretende obter a cura de doenças cancerosas, tuberculose e outras molestias que até hoje se teem considerado incuraveis.

Ter-se-ha, effectivamente, realisado o que ha tantos annos, se pretende?—A ser verdade, a medicina deve bastante a esta grande descoberta, pois que ella nos indicará um meio rapido de cura, do que até hoje se considerava quasi que um completo absurdo.

Terminaremos, louvando, sobre maneira tão distinctas summidades scientificas a quem se deve grande impulso no caminhar incessante da sciencia, que tantos e tantos mysterios ainda tem que desvendar.

Antonio A. O. Machado





PRINCESA ALICE D'ALBANY



PRINCIPE ALEXANDRE DE TECK

O Príncipe Alexandre de Teck e a Princesa Alice d'Albany

A capella de S. Jorge, no Castello de Windsor, esteve ha poucos dias em festa para ali se celebrar um casamento principesco.

Foram os nubentes o príncipe Alexandre de Teck e a princesa Alice d'Albany. O príncipe é irmão da rainha Alexandra e tem o posto de capitão do 7.º regimento de hussards. Fez a campanha contra os matabelles, em 1900. A princesa é filha do fallecido duque d'Albany e sobrinha do rei Eduardo VII.

Completo o seu 21.º anniversario no dia 25 de fevereiro ultimo.

Recebeu os principes o arcebispo de Cantebury, na presença da familia real e córte ingleza.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.
Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhoras — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 2 . da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

Lisboa	Porto	Coimbra
Rua do Alecrim	Largo dos Loyos	Vianna
20 A.	14	Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

Bilhetes postaes illustrados

Edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Esta edição é a mais notavel que existe em Portugal não só pela grande variedade e escolha do assumpto, como pela nitidez e perfeição artistica.

A edição Martins comprehende já cerca de 1000 variedades entre as quas figuram: Familia real Portugueza e todos os soberanos agrupados por dynastias; monumentos, edificios notaveis, vistas de Lisboa e muitos pontos do pais, assumptos militares, maritimos, agricolas, taormachicos, theatras, vultos notaveis em todas as sciencias, etc., etc.

Cada duzia 200 réis. Para revender condições muito vantajosas

SERTORIO A. S. CORTE REAL

SOLICITADOR ENCARTADO

LISBOA — Rua dos Retrozeiros, 149, 2.º

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 44, 4.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

Alfredo Rebello

CIRURGIÃO DENTISTA

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisbon

Dentaduras artificiaes, em ouro, exoutebou, etc., pelos systemas mais aperfeiçoados. Extracções de dentes sem dor. Elixir Odontologico «REBELLO».

Consultas todos os dias das 9 ás 5 da tarde

39. 1.º — POÇO DO BORRATEM. — 39 4.º

Em frente da Rua da Bitesga — LISBOA



ATELIER SILVA NOGUEIRA

PHOTOGRAPHO DE SS. MAGESTADES

Operações com as melhores machinas de CARLOS RELVAS
Retoques primorosos, executados pelos dois irmãos SILVA NOGUEIRA. Optima luz, dando aos retratos a completa semelhança do modelo. Trabalhos em platinotypia e outros processos modernos — Preços modicos.

LISBOA — 18, RUA DE D. PEDRO, V. 20 — LISBOA

Succursaes na Praia da Nazareth e Caldas da Rainha

PASTOR, GOUVEIA & C.ª

Agencia geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

78, 1.º, R. de S. Pedro — RIO DE JANEIRO

PREVENÇÃO

Ninguem compre movels sem conferenciar com os vantajosos preços da nossa Fabrica do Porto, no deposito do Largo do Calhariz, n.ºs 26 e 27, aonde o publico encontrará um grande sortimento de mobílias em diversos estylos, para todos os preços, assim como reposteiros, tapetes, oleados, espelhos, cortinas, galerias, etc. tudo por preços sem competencia.

Largo do Calhariz, 26 e 27 — LISBOA

REIS & FONSECA